



“A AULA TÁ DIFERENTE”: EXPERIÊNCIAS DE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PRIVADA NO MODELO DE AULAS REMOTAS

“The class is different”: teenager’s experiences from a private school applying remote class model

Bruna Tavares Pimentel

Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais, mestra pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e pós-graduanda em Gênero e Diversidade na Escola (GDE/CE- NIPAM) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil.

Email: bruna.t.pimentel@hotmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p.142-149, outubro 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

A pandemia causada pelo novo coronavírus (covid-19) implicou em mudanças na vida cotidiana das relações humanas, inclusive, no âmbito escolar. A suspensão das atividades presenciais nas instituições educacionais e a implementação do ensino remoto na rede básica mobilizou estudantes e professores a embarcarem nessa nova dinâmica de ensino e aprendizagem. Enquanto professora, acompanhei o processo de implementação das aulas remotas em uma instituição de ensino privado no estado da Paraíba. Nesse percurso, com a observação participante *at home* e aplicação de questionário *online* através da plataforma *Google Forms*, busquei compreender a experiências dos alunos no modelo de aulas remotas. Durante a pesquisa as opiniões dos estudantes apontam para um ponto de intersecção; por mais que a experiência atual seja “descomplicada”, as questões como distração e a mobilização de sentimentos como insegurança são acionados com mais facilidade, por isso as aulas presenciais são mais produtivas.

PALAVRAS-CHAVE:

Covid-19. Coronavírus. Aulas remotas. Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT:

A pandemic caused by the new coronavirus (COVID-19) implied changes in the daily life of human relationships, including those with no education. The suspension of face-to-face activities in educational institutions and the implementation of remote teaching in the basic network mobilized students and teachers to embark on this new teaching and learning activity. As a teacher, one of the authors follows the process of implementing remote classes in a private educational institution in the State of Paraíba. Along this path, with participant observation at home and applying an online questionnaire through the Google Forms platform, we seek to understand students' experiences in the model of remote classes. During a search like opinions of students pointed to an intersection point; for more than the current experience is “uncomplicated” as issues such as distraction and mobilization as collateral feelings are triggered more easily, so as attending lectures are more productive.

KEYWORDS:

Covid-19. Coronavirus. Remote classes. Teaching and learning.



“Tá diferente”, o *meme*¹ que viralizou em 2019 e continua sendo usado pelos adolescentes em 2020 para falar sobre mudanças. Em tempos de pandemia causada pelo novo coronavírus (responsável pela doença covid-19), é inegável que, até para os jovens, algo mudou. A sociedade, como um todo, readaptou as relações sociais através das medidas de distanciamento social para evitar a propagação do vírus e conter o colapso do sistema de saúde.

No Brasil, as redes de ensino (público e privado) impulsionaram professores e alunos a mudarem rotina no âmbito escolar com suspensão ou substituição das aulas presenciais por aulas remotas, como maneira de cumprir com a carga horária prevista no calendário escolar. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), para Educação Básica, o mínimo estabelecido são 200 dias letivos, porém essa carga se altera com a Medida Provisória n. 934/2020 de abril de 2020, tendo em vista o contexto, para que sejam cumpridas pelo menos as 800 horas anuais.

Nesse contexto, ampliaram-se as desigualdades existentes em diversos setores da sociedade. A educação se mostrou um campo diretamente afetado com as mudanças impostas que se fizeram emergentes, escancarando o abismo entre o ensino público e o privado e as condições desiguais de acesso dos estudantes brasileiros. Dentre os problemas que envolvem a precariedade das condições de ensino público, destacam-se a acessibilidade à internet, a equipamentos tecnológicos e a ambientes de estudo. As aulas, inicialmente interrompidas, tornaram-se inexistentes, algumas escolas e professores, numa tentativa de auxílio, passaram a gravar e exibir conteúdo em vídeos curtos, mas não havendo muita possibilidade de desenvolvimento junto às turmas.

Na condição de professora de Sociologia de uma instituição de ensino privada em João Pessoa-PB, acompanhei o processo de transição para o ensino remoto. A mudança de aulas presenciais para aulas remotas acarretou modificações para os alunos, professores, coordenação, direção e todos que compõem a escola. Uma das primeiras modificações observadas foi em relação à hora de aula, que quando pre-

¹ O termo *meme* se refere a imagens, *Graphics Interchange Format* (GIF), expressões voltadas ao humor que se propagam via internet. A expressão “Tá diferente” é uma gíria de origem incerta, que viralizou nas redes sociais em meados de 2019, significando a comparação de algo não está igual como um dia foi conhecido.



sencial era de 50 minutos, e após a mudança para as aulas remotas através do *Windows Teams*², passaram a ser de 25 minutos durante duas semanas de adaptação e, posteriormente, de 35 minutos. A adaptação demonstrou ser mais rápida e espontânea para os alunos, tanto que nas primeiras aulas foi observado que estes, em alguns momentos, “ensinavam” ou “alertavam” os professores sobre o uso do programa.

Acompanhar esse cenário impulsionou diversas inquietações referentes ao aprendizado dos conteúdos por parte dos alunos. Por isso, para compreender como está sendo a experiência de estudar nesse novo modelo de aulas remotas, por parte dos alunos, foi realizada uma pesquisa exploratória através de uma observação *at home* (BESERRA; LAVERGNE, 2016) e aplicação de questionário *online* através da plataforma *Google Forms*³.

A observação *at home*, realizada pela autora que atua como professora, trata-se de um conceito desenvolvido por Beserra e Lavergne (2016) para falar de sua experiência em realizar uma pesquisa em ambiente familiar, desenvolvida no espaço que trabalha: “[...] a ideia de familiar invoca a pesquisa desenvolvida no mesmo espaço em que também trabalha o pesquisador [...]” (BESERRA; LAVERGNE, 2016, p. 74).

No questionário elaborado e disponibilizado de forma *online* para os alunos através da plataforma *Google Forms*, foram formuladas questões de múltipla escolha para mapear o perfil dos estudantes e questões abertas para que os mesmos falassem sobre suas experiências no uso das novas tecnologias como forma de aprendizagem na implementação do formato de aulas remotas.

ENSINAR E APRENDER: A INVERSÃO DOS MOLDES OPERACIONAIS ESCOLARES

A escola se constitui como um espaço de interações afetivas e simbólicas, relacionadas principalmente ao contexto social dos indivíduos. O campo de pesquisa foi uma escola privada e tradicional de um bairro popular de João Pessoa/PB. O delineamento do estudo contemplou 30 participantes, estudantes dos três anos do nível médio, com idade entre 14 a 18 anos.

² Plataforma de videoconferência adotada pela escola para ministrar as aulas remotas.

³ Aplicativo que permite a aplicação de formulários *online*.



Durante dois meses de aulas pelo *Windows Teams*, foi observado que o número de alunos faltosos aumentou e a interação durante as aulas diminuiu. Na busca para compreender esses acontecimentos, a pesquisa indagou, inicialmente, a questão do acesso e mostrou que todos os alunos participantes têm acesso à internet em casa e utilizam como dispositivos de acesso, em sua maioria, *desktop/notebook* e celulares *smartphones*.

Porém, mesmo tendo acesso às aulas e aos dispositivos tecnológicos, uma problemática apontada pelos alunos foi a falta de microfones, o que impossibilita a interação durante as aulas, ou seja, alguns alunos conseguem ouvir as aulas, mas não conseguem tirar dúvidas de forma oral em tempo real. Para isso, a ferramenta utilizada pela escola dispõe de *chat* que pode funcionar como canal de conversa diretamente com o professor, mas essa ferramenta quase não é utilizada pelos alunos. Nas aulas de sociologia, durante um mês de aula (5 aulas de Sociologia em cada turma do ensino médio, que somam 99 alunos), apenas 3 alunos entraram em contato através do *chat*.

Ao problematizar esse cenário e refletindo sobre as respostas dos alunos ao questionário aplicado, uma das causas pontuadas por eles é a falta de concentração. Segundo alguns estudantes, o quarto é o lugar mais calmo da casa e por esse motivo escolhem esse espaço para a nova rotina escolar estabelecida, mas ainda segundo eles, o quarto propicia distrações, pelas fotos dos ídolos e o fácil acesso a instrumentos de entretenimento, como relatam:

Acredito que, por não estarmos em um ambiente escolar, dificulta um pouco, se em sala de aula já nos distraímos e perdemos o foco, imagina em nossas residências! Para mim, não está surtindo efeito, não consigo me interessar, não consigo prestar atenção, nem ter motivação para nada. Não consigo me concentrar e nem me estabelecer para nenhuma rotina, durmo durante o dia e passo a noite acordada, as três refeições básicas se tornam apenas uma. (Estudante, 18 anos, cursando o 3º ano do ensino médio).
O único lugar da minha casa onde é mais tranquilo para ver as aulas é no meu quarto e esse lugar é cheio de fotos dos meus ídolos, então eu me distraio muito, para onde eu olhar tem uma foto do CNCO, todo canto (Estudante, 15 anos, cursando o 1º ano do ensino médio).

A descontinuidade da rotina no espaço escolar, entrelaçada às restrições provenientes da pandemia pela covid-19, e atravessada pelo acesso facilitado aos dispositivos de entretenimento, implica em mudanças nos horários que os alunos dedicam



aos estudos. A ausência do gerenciamento do tempo por partes desses jovens, em meio ao contexto que estamos vivendo, vislumbra um norte sobre como a falta de concentração nas aulas repercute na ausência de dúvidas e debates nas salas virtuais, que conseqüentemente impacta na aprendizagem.

A falta de concentração está atrelada ao ambiente, no caso, a casa dos alunos, e a questões emocionais como o medo, ansiedade, desmotivação, nervosismo, tédio, entre outros citados, que têm prejudicado o desempenho escolar. A internalização de sentimentos relativos à falta de socialização, propiciadas pelo ambiente escolar, desencadeia insegurança em relação ao ano letivo e à aprendizagem, como afirma um dos estudantes:

Tenho medo de perder o ano e olha que eu sempre tirei notas boas e nunca fiz uma recuperação, mas estou ficando com medo desse ano. Uma coisa ruim dessas aulas é que às vezes trava bastante e as provas também. Eu tive que fazer uma prova *online* e não consegui porque fiquei muito nervosa (Estudante, 16 anos, cursando o 2º ano do ensino médio).

O processo de transição permeia algumas fases descritas pelos alunos. Inicialmente o modelo adotado tinha o potencial para ser “fácil e produtivo”, segundo as narrativas, por ser de fácil manuseio. Mas ao longo da jornada das aulas, durante os dias, a fórmula se mostra cansativa e pouco dinâmica. A falta de motivação é recorrentemente utilizada como um dos argumentos para a ineficácia dos seus estudos.

Diante das observações e das respostas obtidas, sejam positivas ou negativas, o fato é que quando se refere ao aprendizado, todos concordam que as aulas presenciais são mais produtivas. Nesse sentido, o que é evidenciado, de maneira latente, são as diversas interpretações a respeito do modelo adotado não somente pelos pesquisadores da área, como para alunos que vivenciam essa experiência.

APONTAMENTOS FINAIS (CIRCUNSTANCIAIS)

As tecnologias têm auxiliado em diversas esferas sociais e quando se trata da educação, têm se tornado uma ferramenta essencial. As pesquisas relacionadas com a internet se fortaleceram na contemporaneidade e se tornaram um eixo fundamental para entender as dinâmicas formadas nesse período. A possibilidade, até então



utópica, sobre a materialização das relações humanas inteiramente dependentes das redes de comunicação *online*, representa as transformações de como nos relacionamos com o trabalho, como a ascensão do “*home office*”⁴, assim como revelam a desigualdade histórica de acesso aos bens de consumo por certas camadas da população, principalmente, no âmbito educacional.

As maneiras como aprendemos e ensinamos são ajustadas neste momento. De maneira sutil ou não – como a rigidez dos cuidados de higiene, ou os calçados encarrilhados nas portas dos apartamentos evitando o contato com o mundo externo –, somos impulsionados a continuarmos a busca da normalidade. O cálculo dos prazos e calendário a cumprir desconsidera a empatia aos diversos sentimentos invocados nesse momento, por vezes contraditórios, em nome da regularidade diante do imprevisível.

O fato é que algo mudou.

Não sei ao certo, às vezes acho que a ficha ainda nem caiu... É um momento difícil para todos, dá saudade do **toque humano**, da convivência, de viver sem essa pressão toda (Estudante, 15 anos, cursando o 1º ano do ensino médio).

⁴ Boltanski e Chiapello (2009), em “O novo espírito do capitalismo”, apontam as novas dinâmicas no mundo do trabalho. As práticas empresariais atuais incentivaram a flexibilidade das relações de trabalho, aumentando o número de subempregos com remuneração baixa e contratos temporários. O “*Home Office*”, como método de emprego desse novo sistema capitalista, tornou-se uma expressão para designar “escritório em casa”, exercido por profissionais que trabalham em diferentes empresas ou, ainda, guiam seus trabalhos por projetos.



REFERÊNCIAS

BESERRA, Bernadete de Lourdes Ramos; LAVERGNE, Rémi Fernand. Etnografando a Sala de Aula: contribuições da antropologia à formação de professores. **Anthropológicas**, Recife, v. 1, n. 27, p. 72-101, jan. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/19499>. Acesso em: 29 maio 2020.

BRASIL. **Lei nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CHIAPELLO, Ève; BOLTANSKI, Luc. **O novo espírito do capitalismo**. Santos: Martins Fontes, 2009. 704 p.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito para publicação em: 06/10/2020

